

Editorial

Literatura, cultura, arte, educação e a Revista Schola

Carlos Giovanni Delevati Pasini¹

Professor Doutor em Educação (UFSM)
Docente de Literatura do Colégio Militar de Santa Maria
Rua Radialista Osvaldo Nobre, N° 1132 - Juscelino Kubitschek - Santa Maria - RS CEP: 97035-000

E-mail: professorpasini@gmail.com

“Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Fernando Pessoa.

Apresentamos mais um número da Revista SCHOLA, cuja etimologia latina está ligada ao termo ESCOLA, local propício à educação formal, regular, regido por normas e currículos cientificamente testados, que possuem a finalidade de contribuir para a formação cidadã de seus integrantes.

A revista em tela, no seu estatuto, tem como um de seus objetivos a formação do pesquisador da área científica, tecnológica ou de educação, realizando a divulgação e a disseminação dos educadores vinculados ao Sistema Colégio Militar do Brasil, ou outros estabelecimentos de ensino.

No caso do presente editorial, o texto que o leitor terá contato nos próximos minutos é quase científico. Afirmo o “quase” pela questão de também ser um editorial, uma exposição pessoal, escrita com base na esperança existente na *educação* e na *literatura*. Por ser ‘quase’ ciência, o texto também poderá ser julgado ‘quase’ metafórico, ou seja, não-ciência, em virtude de transitar por uma linha-limite entre o ser e o fazer científico-literário. A importância deste texto está relacionada com a tentativa de motivação para a leitura, unificada com a relevância da própria revista Schola: uma coletânea de literatura científica, que na visão ampla se preocupa com os ideais da educação.

Para início de conversa, é preciso entender, ainda que de forma simplificada, uma linha de definição de algumas palavras usuais ao senso comum, mas que serão essenciais para a estruturação do editorial e a compreensão da Revista. Fala-se, aqui, em simples linha de significação, pois tais termos possuem incontáveis variáveis. Os termos que serão abordados, a título de introito, são: (1) *cultura*, (2) *arte*, (3) *literatura* e (4) *educação*.

A palavra *cultura* (1) significava originalmente, na etimologia da palavra, o ato de cultivar, ou seja, plantar algo. Dessa ideia surgiram expressões como a cultura da soja, a cultura da cana, a cultura do arroz, entre outras. Posteriormente, no decorrer da história, a palavra adquiriu um significado social complexo: passou a designar todo conhecimento, costumes, hábitos e aptidões adquiridos por um povo. A cultura é resumida, usualmente, por tudo o que há de *material*

¹ Membro da Academia Santa-Mariense de Letras (ASL); Membro da Casa do Poeta de Santa Maria (CAPOSM); Membro da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS XXI).

(monumentos, arquitetura, pintura, escultura etc.) e *imaterial* (ideologias, costumes, hábitos etc.) em determinada sociedade.

Em quase toda a sua história, desde a metodologia rupestre², a humanidade sempre produziu a *arte* (2). O impulso de criação acompanha a vida humana, como uma continuidade de sua própria existência. Dizemos que a arte é uma representação da realidade, também uma recriação da linguagem, uma forma de provocação, espaço de reflexão e interrogação, sendo uma expressão de sua época e de sua cultura.

Nessa ótica, a *literatura* (3) é uma das estruturas, ou seja, das formas de arte. Dentro da numeração das artes, apenas indicativa, a literatura (palavra) é conhecida como a sexta arte³. A arte da literatura, oral ou escrita, está presente nas sociedades, em todos os tempos e lugares. A literatura se utiliza da linguagem verbal e da não-verbal.

As palavras contêm as proibições, permissões, expectativas e exigências. Representam coisas, objetos, seres e reações humanas. Elas englobam a **linguagem verbal**, que se comunica pelos vocábulos e pelas letras, ou seja, por códigos estabelecidos por determinada sociedade, num tempo específico. A **linguagem não-verbal** é comunicada pela imagem: uma pintura, fotografia ou estátua. Também está relacionada à comunicação corporal, postura, sorrisos, entre outros gestos que não usam palavras. Numa pintura, por exemplo, temos toda uma literatura.

A literatura cumpre funções muito importantes nas sociedades humanas: a literatura nos **faz sonhar**, oferecendo um descanso para os problemas cotidianos; a literatura provoca a nossa **reflexão**, podendo responder, por construções simbólicas, a perguntas que inquietam os humanos; a literatura nos **ajuda a construir a nossa identidade**, do coletivo ao individual e vice-versa; a literatura nos **ensina a viver**, ou seja, acompanha a trajetória da humanidade; e a literatura **denuncia a realidade**, sobretudo quando determinados setores da sociedade tentam ocultá-la.

Dentro da linha de pensamento que a literatura faz sonhar, provoca a reflexão, constrói a identidade humana, ensina a viver e denuncia a realidade é que se propõe aliar tal arte com o viver do aluno em qualquer escola. Dentre elas, está o Colégio Militar de Santa Maria, pertencente ao Sistema Colégio Militar do Brasil, onde ocorre sistematicamente a educação.

A *educação* (4), praticada em qualquer aglomeração social em que existam humanos, possui determinada ênfase no ambiente familiar e na escola. Em um de seus sentidos amplos, a educação significa o modo como uma geração dialoga com a seguinte, num processo de mediação, ou seja, na troca de conhecimentos.

² Arte rupestre - termo que denomina as representações artísticas pré-históricas, que foram realizadas em superfícies de cavernas e abrigos rochosos. Essa forma arte é dividida, normalmente, em duas linhas: a pintura rupestre (com pigmentos, ou seja, tinta) e a gravura rupestre (imagens feitas com incisões na própria rocha).

³ O termo de sete artes foi estabelecido pelo italiano Ricciotto Canudo (1877-1923), crítico e teórico de cinema, pertencente ao futurismo italiano. Para ele, na publicação do Manifesto das Sete Artes (1912), o cinema era uma sétima arte que nascia da mistura de outras seis: 1ª arte: música (som); 2ª arte: dança / coreografia (movimento); 3ª arte: pintura (cor); 4ª arte: escultura / arquitetura; 5ª arte: teatro; 6ª arte: literatura; e 7ª arte: cinema. A análise sequencial proposta por Canudo deixa entender uma "sequência cronológica" da prática artística, ou seja, primeiro o humano praticou o som, depois a dança; em seguida utilizou as pinturas e esculturas rupestres; fez teatro, para depois escrever (simbologia de códigos). O cinema condensava todas essas artes, sendo a mais "completa". Essa classificação não é consensual, sendo bastante divergente, por isso se torna apenas indicativa, sendo que outras formas de arte foram adicionadas, posteriormente: 8ª arte: fotografia; 9ª arte: quadrinhos; 10ª arte: videogames; 11ª arte: arte digital; 12ª arte: gastronomia.

Uma revista como a Schola, com todos os seus textos interdisciplinares, contribui para a educação e para a literatura, especialmente por favorecer rodas de conversa sobre a arte educativa.

O poeta Fernando Pessoa⁴, nascido em Lisboa, Portugal, está eternizado na história da Língua Portuguesa e de toda a humanidade. A sua perenidade foi adquirida pelas letras e, principalmente, pela poesia. Pessoa criou umas das frases mais significativas da literatura mundial, ao escrever “*Navegar é preciso, viver não é preciso*”.

Para os desavisados, a frase soa como uma assertiva pessimista, negação à própria existência. Entretanto, ao ser estudada mais a fundo, percebemos que o duplo sentido foi colocado intencionalmente, para que o leitor ficasse emocionado ao descobrir o seu (possível) real significado. A primeira parte da frase ‘navegar é preciso’ leva ao intertexto de toda a navegação portuguesa, pioneira, colonizadora, e relembra os diversos instrumentos de orientação, tais como bússolas, astrolábios, quadrantes, entre outros. Nos lembra das diversas conquistas e das mortes ocorridas no grande mar e no estrangeiro. A segunda metade do enunciado, entretanto, é uma bela construção da poesia, pois possui - no mínimo - dois significados: o primeiro, o mais básico, é o de ‘a vida não é necessária’; o outro, uma metáfora brilhante e que está mais ligado ao total da afirmação é de que ‘viver não tem precisão’, ou seja, “viver não é exato”.

A educação, por lidar com seres surpreendentes, também “não é precisa”, não é exata.

Emocionado pela imensidão intelectual de Fernando Pessoa, o simples editorial transita pela ideia geral de que a educação e a literatura propostas pela revista Schola, tão necessárias, *não possuem um percurso definido*. Os textos científicos que o leitor terá contato no corpo do texto da revista são construções de historicidades distintas, mas relevantes na impulsão criativa, literária, educacional e científica - artigos propostos por educadores.

Sujeitos cognoscentes, apaixonados pelo conhecimento, num mundo compartilhado.

⁴ Fernando Pessoa (1888 - 1935) - Uma curiosidade que fiz questão de apresentar na tese. Fernando Pessoa nasceu, em Portugal, no mesmo ano em que a “Lei Áurea” era promulgada, aqui no Brasil. A abolição da escravidão chegou - ainda que tardiamente - no final da década de 80 daquele século. Outra coincidência, ele faleceu no ano da Intentona Comunista de 1935, quando houve uma tentativa de golpe, aqui no Brasil, contra o governo de Getúlio Vargas.